

NOSSOS CLÁSSICOS | ILHÉUS NA OBRA VIAJANTE DE MILTON SANTOS

Willian Antunes¹

École des hautes études en sciences sociales

Enviado em 22 fev. 2020 | Aceito em 22 fev. 2021

Dez anos me separam do primeiro encontro com os artigos do Professor Milton Santos escritos para o Jornal A TARDE, entre os anos 1950 e 1963. Este é o primeiro texto que escrevo sobre eles.

Um ano antes de deixar o mundo material, o Professor Milton Santos tinha pedido para a Professora Maria Auxiliadora da Silva² que ela resgatasse, no Jornal A TARDE (o mais importante jornal da Bahia, na sua época), os artigos que foram por ele escritos, para que fossem transformados em uma publicação. O Professor não levou adiante esse trabalho por ter nos deixado, trabalho que tinha ficado congelado por mais de dez anos, apesar da ideia de realização desse projeto estar sempre latente.

Em 2010, descobri por acaso os referidos artigos nos armários da Prof^a. Maria Auxiliadora da Silva. Quando soube do que se tratava, ofereci-me para dar andamento ao projeto que se estenderia durante nove anos. O resultado foi a organização desses artigos em formato de livro, hoje, com o apoio do editor José Messias Bastos, editado pelo Instituto Ignácio Rangel e pelo Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina. Na “Apresentação”, os organizadores dão mais detalhes sobre as etapas do projeto de pesquisa (SILVA e ANTUNES, 2019).

Recentemente, em correspondência com o Professor Rogério Haesbaert, ficou clara a intenção em transpor esses artigos na seção *Nossos Clássicos* da revista *GEOgraphia*. Embora essa seção tenha se dedicado sobretudo à tradução de geógrafos clássicos estrangeiros, também concede espaço para a (re)publicação de clássicos brasileiros e de geógrafos clássicos estrangeiros que tenham escrito em português.

Convém lembrar que o exercício de organização desse livro não deixou de ser, de certa maneira uma tradução, não “do português para o português”, mas do primeiro ciclo de produção do Professor Milton Santos, que se iniciou em Ilhéus, em 1948, e encerrou-se em Salvador, em 1964, quando foi proibido de trabalhar e obrigado a deixar o Brasil por treze anos.

1 Doutorando da EHESS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4429-0113>. E-mail: wmorais@ehess.fr.

2 Professora (aposentada) do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFBA.

Na época, após longa discussão entre os organizadores, decidiu-se por organizar os mais de cem artigos por área temática, em nove capítulos:

- Capítulo I: *Estudos sobre a Zona do Cacau*;
- Capítulo II: *Temas de Geografia da Bahia*;
- Capítulo III: *Pensando a Cidade. Salvador*;
- Capítulo IV: *Temas da Sociedade Baiana*;
- Capítulo V: *Teoria e Ensino de Geografia*;
- Capítulo VI: *Um olhar sobre o Brasil*;
- Capítulo VII: *Imagens da África*;
- Capítulo VIII: *Imagens da Europa*;
- Capítulo IX: *Visita a uma Revolução*.

Por questões metodológicas, para a seção *Nossos Clássicos* foram selecionados cinco dos vinte e dois artigos do Capítulo I:

- Tentativa de delimitação da região cacauzeira da Bahia (2/3/1950)*;
- Antiga capital do cacau (2/5/1953)*;
- O aniversário de Ilhéus (28/6/1954)*;
- Problemas de Ilhéus (1957)*;
- Um assunto em debate: Marau elemento de perturbação (22/12/1958)*.

O objeto dessa “seleção cronológica” é apresentar uma amostra sobre o conjunto dos artigos jornalísticos sobre Ilhéus e Zona do Cacau. Essa metodologia de apresentação foi adotada primeiramente porque os artigos marcam uma evolução entre 1949 e 1963, onde já podemos identificar o aparecimento de definições e a mudança de abordagens regionais, característica típica de um pensamento em movimento.

Outro ponto a ser observado nessa leitura, e onde ancoramos nossa abordagem, é a influência das viagens na sua obra, isto é, as alterações teóricas e afetivas causadas graças aos lugares, às cidades e aos caminhos por ele percorridos. Pensamos que a viagem é um fator autônomo a ser levado em conta porque foi ela capaz de determinar os temas de pesquisas e os rumos da obra em questão. Em outras palavras, o Professor Milton Santos acabou por criar o que ousaria chamar uma *obra viajante*. A principal característica dessa obra viajante pode ser observada à primeira vista em sua busca por uma teoria geral do espaço e, mais profundamente, em sua busca por dar uma unidade ao seu pensamento, que se metamorfoseia ao longo dos anos. Geralmente essa busca por uma teoria geral ocorre quando um determinado autor atravessa e é atravessado por culturas diferentes que, às vezes, até se opõem. Penso que assim como as viagens, o autor viajante produz uma obra fraturada, mostrando claramente algumas partes cingidas por elos de memória afetiva. Numa obra viajante as rupturas não são necessariamente desejadas. Durante as viagens, as rupturas são também forçadas porque geralmente o autor deve deixar lugares, trabalho, conhecidos, amigos e culturas, surgindo assim as fraturas em sua obra. O autor viajante estabelece uma relação de sobrevivência com os lugares por onde passa. Seria interessante ver esse processo como “inflexões” espontâneas de sua obra, mas preferimos insistir sobre o ato de fraturar-se porque anos mais tarde ele seria proibido de trabalhar em seu país. A Bahia, em particular Ilhéus e Salvador, corresponde provavelmente a uma

fratura na obra do Professor. Daí é possível exatamente ver a importância desses artigos para o estudo de sua obra.

Todavia, isso não deixa de ser uma leitura possível. Há também outras lentes possíveis, como aquela do historiador ao observar o surgimento, organização e declínio da região do cacau na Bahia. Sem dúvida, os historiadores baianos terão ainda tempo para se debruçarem sobre esses artigos em pesquisas científicas.

Convém lembrar que esses artigos foram escritos em paralelo à redação dos artigos para as revistas científicas na época, do seu primeiro livro *A Zona do cacau: introdução ao estudo geográfico* (1955) e da sua tese de doutoramento *O Centro da Cidade do Salvador*, em 1958. Neles, podemos encontrar temas que não foram abordados nem nos artigos científicos e livros nem na tese.

2

Formado em Direito pela Universidade Federal da Bahia, em 1948, e embora nunca tenha advogado, os artigos aqui selecionados mostram bem a transição do Direito para a Geografia. Tudo indica que essa escolha profissional e intelectual pela Geografia aconteceu devido também aos acasos e circunstâncias de um homem recém-casado com uma mulher do meio econômico de Ilhéus.

Seu primeiro emprego foi como professor da cadeira de Geografia do Colégio Municipal de Ilhéus, em 1950. Foi esse trabalho que lhe permitiu aprofundar suas leituras em Geografia e criar base sólida para ascender, anos mais tarde, ao meio político e intelectual de Ilhéus e Salvador.

De 1949 a 1955, ele mobiliza principalmente as noções de “meio”, “habitat” e “gênero de vida” para analisar a formação e organização da famosa zona do cacau, que na época era a maior zona produtora de cacau do Brasil. Essas noções refletem claramente o ensino da Geografia oficial difundido pelos geógrafos de São Paulo. A leitura dos clássicos aparece, portanto, como um meio para se familiarizar com os métodos geográficos. Naquela época, ele entendia por clássicos autores como Paul Vidal de la Blache, Jean Brunhes, Max. Sorre e Camille Vallaux. Foi através desses autores que ele pôde absorver métodos, definições e suas primeiras lições de Geografia.

No artigo *Tentativa de delimitação da região cacauzeira da Bahia* (2/3/1951), o professor Milton Santos condensa a problemática central de seus estudos que perdurará durante sua estada em Ilhéus de 1950 a 1954. Os limites da “zona da zona”, que o Professor estabelece uma outra delimitação dentro da zona comumente admitida como “oficial”, não eram apenas demandas teóricas de sua disciplina de ensino, ao contrário, eles estavam no centro das preocupações das autoridades estaduais e municipais. Ele começa sua carreira debatendo abertamente o planejamento regional dessa zona de produção de cacau. Em sua leitura, ele discordava abertamente da classificação proposta pelo governo do estado da época.

Para um estudo, porém, da região a que, na Bahia, denominamos cacauzeira, não podemos nos ater somente à estreita faixa de terra que, nesse Estado, possui ou apresenta condições naturais propícias à produção, em termos ótimos, de preciosa amêndoa, senão a um território muito mais extenso, ou seja, até onde se faça sentir a influência do cacau, sua lavoura e seu comércio, nas relações humanas (SANTOS, 2019:32).

Ele expõe, portanto, as razões de sua escolha e delimita a “zona do cacau” em dezenove municípios: Alcobaça, Belmonte, Camamu, Canavieiras, Ilhéus, Ipiáú, Itabuna, Itacaré, Ituberá, Jequié, Maraú, Mucuri, Nilo Peçanha, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabralia, Ubaitaba e Una.

O problema da delimitação era a existência, nesses municípios, de terras propícias à produção de café e pecuária, podendo alterar os limites oficiais da zona em questão e, por consequência, inviabilizar o planejamento regional de governo. A delimitação geográfica era então primordial para o planejamento dos investimentos das prefeituras e do Estado da Bahia. O Professor faria alterações em sua proposição inicial como podemos ver ao logo de seus artigos, sendo mesmo possível a produção de mapas da evolução de sua leitura territorial.

Em fevereiro de 1951, o “catedrático de Geografia” do Colégio Municipal de Ilhéus, como ele era chamado na imprensa local, participou pela primeira vez de um evento de geógrafos, a VI Assembleia dos Geógrafos Brasileiros, no Rio de Janeiro. Sua apresentação teve como tema principal a organização da zona cacauera. Em sua comunicação, ele abordou principalmente o povoamento e as áreas de produção do cacau, tendo como objetivo identificar a contiguidade da zona produtora.

Nessa ocasião ele teria se deparado com métodos modernos e teorias mais avançadas em relação àquelas circuladas na Bahia. Como fruto desse evento, temos o artigo *Um professor baiano na Assembleia dos geógrafos brasileiros (22/2/1951)*, onde ele deixa claramente transparecer sua inquietude, o que não deixou de ser uma crítica direcionada aos discentes de Geografia da Universidade Federal da Bahia:

O nosso contato com os geógrafos do sul do país não somente desta, como em outras oportunidades nos trouxe a convicção de que a Bahia, vanguardeira, que tem sido em todas as causas do espírito, muito precisa avançar, a fim de que possa caminhar junto do Rio e de S. Paulo, no particular dos estudos geográficos.

Material humano, na verdade, não nos falta. O Departamento de Geografia da nossa Faculdade de Filosofia está, inegavelmente, dirigido por professor cuja capacidade é indiscutível, podia tomar a si essa tarefa que reputo inadiável, a da renovação da nossa mentalidade geográfica, tão presa aos erros do passado e aos seus métodos gastos e anacrônicos e tão responsável pela deficiência, entre nós, do ensino da Geografia, tida, ainda hoje por muitos, como matéria de decoração e, como tal odiada pelos estudantes.

Seria da maior conveniência que a Universidade, a exemplo do que vem fazendo com outras disciplinas, também nos trouxesse, a fim de ministrar cursos de extensão, professores do sul do país e mesmo do estrangeiro, especialistas nos diversos ramos em que se esgalha a ciência dos lugares. Esse seria um excelente ponto de partida.

É preciso que a Bahia também forme a sua própria escola de geógrafos, como já o fizeram através de um esforço paciente e contínuo S. Paulo e Rio, e que se realizem, aqui mesmo sob os auspícios do poder público e da Universidade, através do seu Departamento de Geografia estudos sérios sobre todas, ou, pelo menos sobre as principais regiões do nosso grande Estado (SANTOS, 2019:37).

Esse extrato é um dos muitos que surgirão ao longo desses anos iniciais. Por causa de seu temperamento sempre sincero e crítico, não tardariam a surgir os adversários em sua vida acadêmica. Anos mais tarde, em seu primeiro concurso para professor da Universidade Federal da Bahia, o Professor vai ser prejudicado com base em argumentos burocráticos. A tese do Professor Délio Pinheiro (SILVA, 2011), de que o professor Milton Santos teria sido vítima de “racismo”, pode não explicar completamente os fatos, pois anos antes do concurso ele já tinha se tornado uma pessoa remarcada no meio social, seu forte caráter já era observado pelos mais conservadores. Ele chegou mesmo a mobilizar a Justiça como mostra seu artigo *Acha injustiça a rejeição da sua inscrição (11/5/1954)*. Como podemos ver, em 1954, ele já tentava deixar Ilhéus.

Além de sua crítica, temos aqui o anúncio de suas ambições de juventude, que ele realizaria com a criação do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, em colaboração com Jean Tricart e Edgar Santos, em 1959, constituindo um grupo importante de professores e alunos em torno de pesquisas geográficas. Esse seria o embrião do atual Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia (SILVA, 2002).

Retivemos também para a coluna *Nossos Clássicos* o artigo *A antiga capital do cacau* (2/5/1953) que aborda o declínio da antiga capital do cacau, o distrito Banco da Vitória (Ilhéus). Nesse artigo encontramos uma descrição muito útil para os estudantes, historiadores e geógrafos. Quando comparada aos métodos da Geografia Urbana da época, essa descrição se mostra muito simples, mas é exatamente na sua simplicidade que está seu valor pedagógico.

Banhada pelo rio Cachoeira, rio de planalto, em cuja margem esquerda se situa, é nela que se encontra o ponto mais alto da navegação e até o advento dos veículos motorizados, todos os lavradores vinham trazer ali o resultado de sua lavoura, que em canoas demanda o porto de Ilhéus, de onde, então, poderiam ganhar o seu destino, no estrangeiro.

Exemplo de como a mudança nos meios de transportes é capaz de contribuir para o estacionamento ou regresso dos núcleos humanos. Banco da Vitória foi, pouco a pouco, mas sem decair de sua antiga nobreza, perdendo da antiga importância. Mais tarde, quando se juntaram os melancólicos apelos dos moradores que desejavam sentir mais de perto o ruído dos motores de explosão às necessidades técnicas de encurtar o traçado das estradas de rodagem, esta fez seu caminho pelo fundo das casas, limitando com o rio a área do vilarejo. Não demorou, entretanto, que habitações se fossem levantando de um lado e do outro da rodovia e, partindo dela novas artérias cresceram. Era da estrada a importância. O rio cuja serventia era agora mínima, ficou para os despejos da população. As casas já não olhavam mais para ele. Viravam-lhe as costas, namorando agora e somente a estrada de rodagem (SANTOS, 2019:45).

Durante a leitura desses artigos, o leitor terá frequentemente a impressão de ter em mãos os textos da primeira fase de produção intelectual do Professor. Ainda não temos uma definição para o que chamamos “primeira fase”, e defini-la nesse momento seria prematuro.

O distrito Banco da Vitória é destino em todos os meus finais de semana quando deixo a cidade para ir à zona rural. Como tenho em mãos os textos descritivos do Professor, o Banco da Vitória deixa de ser “distrito” e passa a ser “paisagem”, isto é, um misto de memória afetiva da evolução dos lugares. Estando às margens do rio Cachoeira, poderia descrever aqui os poucos barracos que ainda têm sua fachada virada para as correntezas, e os animais e seus donos que vão se banhar e tomar sol nos lajedos negros. Vemos sempre passar carros carregados de banana e aipim das poucas fazendas que abastecem as feiras, mercados e o Centro de Abastecimento de Ilhéus. A paisagem, esse ser evolutivo, embora nem sempre em direção ao bem, é, portanto, o próprio elo entre o Professor e eu; é como se fôssemos três seres autônomos, porém ligados; é como se eu estivesse lá com ele observando diariamente este rio de planalto no passado ou como se ele estivesse comigo a observar o caminho hoje; somos nós dois o próprio despertar da consciência do tempo. Em outras palavras, somos juntos a atualização disso que vejo e chamo paisagem.

Assim sendo, poucos lugares têm o poder de se transformar em paisagem porque depende exatamente de quem domina ao mesmo tempo a cultura e o tempo. A Baixa dos Sapateiros, em Salvador, também foi capaz de unir obra, viagem, autor e leitor. Mas isso sem dúvida é um processo de leitura contemplativa da obra em sua viagem.

Antes de escrever este comentário para *Nossos Clássicos*, pensei em fazer uma visita à antiga Fazenda Morro Redondo, onde também estive o Professor e seus alunos do Colégio Municipal de Ilhéus. Naquela ocasião, foram aplicados questionários e entrevistas foram realizadas com os proprietários daquela fazenda. Essa saída de campo foi registrada no artigo *Alimentação na zona cacauera* (30/3/1953), mas não trabalhamos sobre ele aqui por uma questão metodológica.

E chegamos então ao artigo *O aniversário de Ilhéus* (28/6/1954). À primeira vista, temos aqui uma homenagem a Ilhéus que completava seus trezentos anos. Mas não é bem assim. O Professor era muito jovem (28 anos), e, como todo jovem, vivia seus momentos de mudança, e ele registra inconscientemente esse momento.

Não errou quem disse serem as cidades muito parecidas com os indivíduos. De fato elas têm feições próprias. O seu arruado, o seu casario, a sua fisionomia urbana, constituem o seu corpo. Os seus costumes, as suas idiossincrasias, o seu clima humano, formam o que poderemos chamar de sua alma.

Como os homens elas nascem, crescem, realizam-se e morrem. Como os homens elas têm suas paixões e as suas dores, os seus sofrimentos, tendo, também, como nós outros, vês por outra as suas alegrias, os seus dias de gala (SANTOS, 2019:60).

Escrito em junho de 1954, ano em que o Professor já procurava transferir-se para Salvador, esse texto não tratava somente de Ilhéus. Seu primeiro casamento, que lhe rendeu uma base nos primeiros anos de sua carreira, já não era o centro de sua vida. A cidade de Ilhéus já não supria suas ambições intelectuais. Podemos dizer ser essa uma rara oportunidade onde temos o homem falando sobre ele mesmo: “suas paixões, suas dores, seus sofrimentos e seus dias de gala” (SANTOS, 2019:60). Há certamente um “eu” por trás dessas palavras.

Trezentos anos duram essa [a] infância [de Ilhéus], capaz de fazer inveja ao próprio Matusalém. Logo, porém ao fenecer do passado século e no alborejar do presente, foram-lhe chegando aos primeiros sintomas da juventude que ia, então, começar a viver. Da adolescência tem essa fase as características dominantes: a inquietude, a insatisfação, uma enorme plenitude de confiança em si mesma, uma irresistível fé no seu futuro. Foram essas forças anteriores que a levaram a vencer em plena mocidade (SANTOS, 2019:61).

O Professor não escrevia crônica, nem poesia, nem literatura em geral. Mas isso não o impediu de misturar-se intimamente à “alma” de uma cidade e, inconscientemente, acabou por depositar no artigo as circunstâncias em que vivia naquele ano. Outro texto como esse só emergiria anos depois, em Paris.

Para concluir este comentário, temos os artigos *Problemas de Ilhéus* (1957) e *Um assunto em debate: Maraú elemento de perturbação* (22/12/1958), que se complementam nesta apresentação. Ambos os artigos são representativos desse ciclo de produção intelectual na cidade de Ilhéus.

Em 1954, embora não tivesse ainda posto em uma instituição de ensino superior, o Professor já era conhecido no meio intelectual e político de Ilhéus. Prova disso é sua correspondência com Clovis Caldeira, autor do livro *Fazendas de cacau na Bahia*; seu trabalho de campo patrocinado pela Fundação para o Desenvolvimento da Ciência da Bahia, em Ipiaú, Itagí e Ubaitaba, em 1955; e sua participação em reuniões sobre planejamento local e regional com Álvaro Vieira, antigo presidente da Associação Comercial de Ilhéus, e Eusínio Lavigne, autoridade política da época, em 1956.

Em 1957, a fim de apoiar o seu projeto de lei chamada *Operação Município de Ilhéus*, o prefeito Herval Soledade incumbiu o Professor de estudar os principais problemas locais e regionais de Ilhéus. Esse estudo foi transformado em relatório para ajudar na concepção do programa de investimento ao desenvolvimento local.

Nesse mesmo ano, ainda mantendo seu posto no Colégio Municipal de Ilhéus, transferiu sua morada para Salvador para ocupar a cadeira de Geografia da Faculdade Católica de Filosofia. Era o início de uma fratura em sua obra. Ilhéus começava a desaparecer de seus escritos. O que chamamos provisoriamente *obra viajante* tem então início. Essa é outra possibilidade de ler a obra do Professor, observando literalmente os relevos e caminhos por ela percorridos.

Esses dois artigos sobre Ilhéus e Maraú apresentam brevemente o que provavelmente foi discutido em detalhe nos relatórios técnicos entregues às autoridades locais da época. Havia duas questões que permaneceram ao longo de seus artigos sobre a zona do cacau: produção de energia elétrica e a construção de outros portos.

Na época, as autoridades buscavam uma alternativa à monocultura do cacau. A industrialização de alguns municípios era uma alternativa muito viável, mas não havia energia elétrica que suportasse a instalação de parques industriais como na região Sudeste.

A pecuária se mostrava como uma alternativa à monocultura. Autoridades e engenheiros pensaram até em eliminar a produção cacauzeira, mas fazendeiros, comerciantes e estudiosos da questão, dentre eles o próprio Professor, foram contra a proposta.

Discutiu-se por muito tempo a construção de portos em outras cidades também produtoras de cacau, mas o Professor defendia que Itabuna e Ilhéus eram as “cabeças da região” porque as redes rodoviária e ferroviária já estavam organizadas de modo a ter essas duas cidades como centro. A construção de um porto para escoar a produção de cacau em outra cidade dismantalaria a “hierarquia dos centros” de cidades já constituída há um tempo. O leitor perceberá rapidamente que as noções “habitat” e “gênero de vida” deixam de ser utilizadas, sendo substituídas por termos como “região”, “hierarquia urbana” e “rede”. Sinal que nosso geógrafo absorvia as noções da Geografia Urbana francesa da época, principalmente aquelas difundidas por Jacqueline Beaujeu-Garnier, Jean Labasse, Michel Rochefort e Jean Tricart.

Do ponto de vista teórico, é nessa época que o Professor vai identificar dois processos distintos, porém combinados, na organização das redes de transporte e da hierarquia de cidades. Ainda que de forma desconcertada, ele chamava por transporte “pré-mecânico” o traslado do cacau no lombo dos burros e por canoas até chegar às rodovias que levariam as amêndoas ao porto de Ilhéus. Esse transporte “pré-mecânico”, como bem o leitor perceberá, não era atribuído nem a um “período” nem a uma “técnica” ou “invenção”, ao contrário, era simplesmente a constatação do movimento dos produtos através dos meios de transporte animal e embarcações rudimentares na paisagem.

Dito de outro modo, temos aqui a experiência primária que ficaria na memória do Professor ao longo dos anos até sua elaboração mais refinada de “meio pré-técnico” e “meio técnico” nos anos 1980. O geógrafo francês Camille Vallaux chamaria essa experiência geográfica que permaneceu na memória do Professor de “subconsciente científico” (1929:47), ou seja, o local da memória onde “se formulam sempre as hipóteses e as generalizações, bem ou mal formadas” (1929:48).

No ano 2000, em plena conclusão de *O Brasil*, talvez tenha sido esse “subconsciente científico” que lhe pulsou a procurar por seus antigos artigos do Jornal A TARDE. E seus leitores mais íntimos sabem muito bem que, para ele, a Bahia sempre foi uma matéria-prima.

3

Para concluir, chamo atenção que nossa leitura pode complementar aquela proposta por Flávia Grimm (2011) em sua tese. Essa geógrafa preferiu fazer uma “leitura estrutural” da obra. Entendo por “leitura estrutural” aquele procedimento de leitura destacado por Victor Goldschmidt: o pesquisador deve procurar identificar na obra do autor em questão o movimento sucessivo de abandono de teses que estão “ligadas umas às outras numa ordem por razões” (1963). Dito de outro modo, o pesquisador-intérprete deverá identificar o surgimento e o abandono de teses e definições ao longo da obra. Enquanto Grimm preferiu um mergulho por dentro da obra, identificando na linha do tempo linear a produção das ideias e teses, se “tempo” me for dado, eu privilegiarei primeiramente a viagem com seus relevos e caminhos interferindo na produção das ideias do professor Milton Santos.

Grimm defende a leitura que os cinco períodos de produção do Professor “não podem ser compreendido de maneira isolada e desconexa, já que os limites entre eles não devem ser necessariamente vistos como momentos de ruptura” (GRIMM, 2011:172). Nós acreditamos exatamente que esses artigos do Professor demonstram se não linhas de fratura, ao menos

descontiguidades de seu percurso que têm um papel na constituição da obra. Parece que temos aqui outra possibilidade de leitura. Poderíamos prematuramente apontar outros acasos e circunstâncias que foram cruciais como Bordeaux e Dar-es-Salaam. Assim, a viagem parece revelar áreas menos prestigiadas de sua obra, e não menos brilhantes, no entanto.

Acredito que esses artigos nos dão acesso a um estrato mais profundo do pensamento de nosso geógrafo, isto é, aos anos iniciais de sua trajetória, onde as primeiras escolhas estavam sendo feitas. Conhecedores, estudiosos e leitores familiarizados aos textos teóricos, como as Professoras Maria Adélia Aparecida de Souza e María Laura Silveira, terão certamente uma surpresa ao identificarem, já naquela época, ideias e raciocínios que ele desenvolveria anos mais tarde.

Embrionariamente, temos contato com as noções de “meio pré-mecânico”, “meio técnico” e a ideia de que “a geografia é uma filosofia das técnicas” etc. Mas isso ainda são as ideias. É em nossa leitura de *Aniversário de Ilhéus* que, nas palavras da Professora Marie-Hélène Tiercelin Santos, ultrapassamos finalmente a “barreira dura das ideias”, pois somente à proporção que esses textos antigos vão surgindo, sucessivamente, em proporção também com a nossa experiência de vida, para podermos compreender a sua obra e admirá-la em sua viagem.

Curioso também é constatar que os volumes de artigos sobre a obra do Professor não conseguem ir ao passado, isto é, além dos anos 1968, lá onde o Professor fez seus primeiros trabalhos em Geografia. E essa leitura baseada no ir e vir do presente às camadas mais inconscientes de sua obra, ousaria dizer, escapam até aos maiores conhecedores de seu pensamento por falta, evidentemente, de material disponível.

Milton Santos: correspondente do Jornal A Tarde (1949-1963) preenche enfim uma lacuna.

Ilhéus, 15 de agosto de 2020.

Referências

- GOLDSCHMIDT, V. (1963) Tempo histórico e tempo lógico na interpretação de sistemas filosóficos. Em: *A religião de Platão*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- GRIMM, F. 2011. Aspectos da produção teórica e da organização do arquivo de documentos do geógrafo Milton Santos. *Revista IEB*, n. 52, set/mar, p.165-182.
- SANTOS, M. 2019. *Milton Santos: correspondente do Jornal A Tarde (1949-1963)*. Maria Auxiliadora da Silva e Willian Antunes (Organizadores). Florianópolis: UFSC. 527 p.
- SILVA, M. A. 2002. Milton Santos: trajetória de um mestre. Em: *El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Universidad de Barcelona, Vol. VI, n. 124.
- _____. 2011. 10 anos sem Milton Santos. Salvador: Alba.
- VALLAUX, C. 1929. *Les Sciences Géographiques*. 2ª ed. Paris: Alcan (este livro está sendo traduzido para o português por Willian Antunes, em colaboração com Rogério Haesbaert).